



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14365 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

CORPOS NEGROS SOB OLHARES E ESCRUTÍNIOS SOCIAIS

Rosângela Souza da Silva - UFRB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Maria Cecília de Paula Silva - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

CORPOS NEGROS SOB OLHARES E ESCRUTÍNIOS SOCIAIS

Resumo

O presente texto apresenta um recorte da pesquisa de doutorado com o objetivo de compreender como as/os estudantes negras e negros do CFP/UFRB (des) constroem e dinamizam suas identidades negras a partir de seus corpos. De abordagem qualitativa, o estudo de caso realizado utilizou -se da observação e entrevista semiestruturada, além de relatórios institucionais, entre outras fontes. As narrativas de estudantes, em diálogo com estudos de Fanon (2008), Gonçalves (2010), hooks (2019), Kilomba (2019), Gomes (2019) Carvalho (2019) dentre outros permitiu identificar diversas percepções de como o racismo acompanha as experiências corpóreas de pessoas negras. Por fim, problematizou-se vivências acadêmicas, significados sociais que aludem aos corpos negros no espaço da universidade e nos outros lugares que estudantes negras e negros circulam.

Palavras-chave: CFP/UFRB. Identidades. Corpos negros.

Introdução

O Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB) instalado em 2006 no município de Amargosa/BA compõe um dos sete Centros de ensino da UFRB, criada em 2003. A presente pesquisa objetivou compreender como as/os estudantes negras e negros do – CFP/UFRB, (des) constroem e dinamizam suas identidades negras, a partir dos seus corpos.

Para Gomes (2019), a presença de corpos negros em locais de conhecimento, de forma horizontal e não hierarquizada, muda radicalmente o ambiente universitário. Nesta linha de raciocínio, a transformação na universidade pode significar a sua refundação (CARVALHO, 2019), pois as presenças negras instalam um processo de (re) educação na lógica de produzir e de conceber os conhecimentos. Proposições que se opõem a uma cultura única, hegemônica, do saber no espaço acadêmico, além de encetar um processo de naturalização das presenças estético-corpóreas de juventudes negras neste espaço.

De abordagem qualitativa este estudo de caso objetivou a imersão no *lócus* da pesquisa a partir de informações obtidas por meio de observações, entrevistas semiestruturadas, documentos do projeto de criação, estatuto e relatórios da UFRB, entre outras fontes. Realizou-se um total de nove entrevistas com estudantes negras/as identificadas por pseudônimos (nomes de intérpretes e/ou de compositoras/es da cena musical brasileira) intuindo preservar as identidades. Este texto foca a narrativa da Luedji Luna, objetivando problematizar percepções e experiências vivenciadas por ela, em relação às identidades e os corpos negros.

Corpos negros e experiências: olhares e significados sociais

Mutáveis, por excelência, os corpos não podem ficar reféns dos cânones de conhecimentos cristalizados (médicos, religiosos, jurídicos, políticos, psíquicos etc.) que visam enquadrá-los aos seus ditames. É preciso se contrapor às formas redutoras de gestar as corporeidades, assim como subverter lógicas empresariais de mercado que tentam domesticar e subjugar os corpos.

As percepções sobre corpos e corporeidades são historicamente construídas. Assim, a partir da escuta sensível e das percepções da estudante Luedji Luna sobre os corpos negros buscamos interpretar significados envoltos aos repertórios sociais, culturais, políticos, que ordenam e vulnerabilizam as experiências/vivências das pessoas negras e suas corporeidades.

Luedji Luna tece composições e recomposições sobre a sua identidade, seu corpo e pertença racial, atravessada pelo lugar de mulher negra e nos diz que o corpo negro

é discriminado, estereotipado, um corpo negro feminino que também é muito hipersexualizado, desse corpo negro que fala, e que às vezes a gente não tem como posso dizer, **certa abertura na própria sociedade, pra fazer com que esse corpo negro seja também visto, percebido**, mas enfim, esse corpo negro, ele é **um corpo que também carrega identidade** (grifos nossos).

Ao elaborar as suas percepções sobre o corpo negro a estudante esmiúça alguns elementos a partir dos quais se materializam racismos e discriminações raciais como o estereótipo e a hipersexualização da mulher negra. Estas determinações do mundo social relegam o corpo negro à penumbra e seus desdobramentos atingem, de forma perversa, subjetividades de homens e mulheres negras.

Na sociedade brasileira prevalece um ideal de branqueamento em que o bom e o bonito é ser branco. As pessoas negras quando incorporam este ideal, vivenciam uma incongruência entre o Eu real e o Eu tornando Ideal que, para Gonçalves (2010, p. 375): “[...] ao provocar conflitos irreparáveis, pode custar a impossibilidade de suas realizações pessoais, ou mesmo originar diferentes distúrbios psicológicos”.

Forjado à semelhança com o branco, a “negritude corporal” (GONÇALVES, 2010) foi/é prisioneira de um ideal que lhe causa sofrimentos, coíbe processos de identificação de homens e mulheres negras com seus pares, influenciam as escolhas afetivas e imputam uma sensação de eterna insatisfação com o seu corpo, seu povo, sua história, sua cultura e seu espírito (GONÇALVES, 2010). Os estereótipos incidem de forma atroz sobre os corpos, pois para hooks (2019, p. 303): “Embora sejam imprecisos, estereótipos são uma forma de representação. Como as ficções, são criados para servir como substitutos, posto no lugar da realidade”

A compreensão de estereótipos de hooks (2019) e as percepções sobre corpos negros indicados por Luedji Luna nos leva a reflexão de que ficções não se realizam por acaso. E quando colocadas no lugar da realidade balizam uma complexa rede de poder-saber de uma Europa branca, cristã, masculina, dita civilizada. E que se outorgou à missão de ordenar o mundo por sua imagem e semelhança, imperando um universalismo eurocentrado que tentava aniquilar quaisquer diferenças.

Apresentando o desabafo de quem carrega um corpo fatigado pelos desígnios de uma raça tomada como protótipo da inferioridade e subalternidade, nos diz Fanon (2008, p.105): “Eu era, ao mesmo tempo, responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas, -e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental”.

A catarse fanoniana enuncia o aterrorizante fardo de ser uma pessoa e representar toda uma raça. Tal condição tenta selar a um único destino as populações negras diaspóricas. Devasta-se suas psiques ao existir uma ilogicidade entre o que esses sujeitos são e como são representados pelo branco colonizador.

Sobre incômodos e estranhamentos que os corpos negros ainda provocam em determinados espaços, a narrativa de Luedji Luna explicita que ela e duas colegas foram participar do Encontro Nacional do Programa de Educação Tutorial (PET) na cidade de Maceió, Alagoas como representantes do PET Afirmação do CFP/UFRB que objetiva contribuir no desenvolvimento acadêmico de jovens de comunidades negras, rurais e quilombolas no curso do ensino superior.

Durante o encontro as estudantes foram passear no *shopping* da capital. Logo que entraram no local já se sentiram escrutinadas pelos olhares dos transeuntes. A estudante Luedji Luna disse:

A praça de alimentação quase toda parou **pra olhar a gente, como se fôssemos sabe (risos), alegorias passando**, coisas muito diferentes, exóticas, enfim. A gente sentiu ali (pausa) e não foi só na praça de alimentação, **no corredor que a gente passava, a gente percebia que os olhares eram todos voltados para nós**. Naquele momento a gente percebeu, chegou à conclusão de que o fato é que além de sermos mulheres negras, porque a maioria que estava lá eram homens e mulheres brancas, havia **os nossos traços da identidade, o turbante. Ele é uma forma do sujeito estar potencializando essa identidade, ele traz consigo uma marca importante**. A minha colega, a minha amiga **que estava com o turbante**, eu acho que ela foi a pessoa **que os olhares se voltaram muito mais preconceituosos e tudo mais**. Acredito que, nessa situação, **nós só tivemos essa atitude, porque são pessoas que estão ali o tempo inteiro, já discutindo essas questões, se envolvendo nisso, e que já tem um pertencimento étnico-racial construído**, mais se não, NOSSA! (Luedji Luna, participante, grifos nossos).

Os corpos negros provocaram uma espécie de estranhamento às pessoas que circulavam no *shopping* em relação a presença dos corpos negros. E diante deste estranhamento, as estudantes realizaram um movimento de resistência e (re)existência no shopping. Iniciado desde o momento em que entraram no shopping, caminharam pelos corredores, sentaram na praça de alimentação, lancharam, conversaram, enfrentaram os olhares estranhados. Mesmo que os olhares escrutinadores tentassem informá-las que possivelmente ali não era o lugar delas, elas permaneceram no espaço de forma apropriada e empoderada, para ratificar “o direito de ir e vir” de quaisquer cidadãs/ãos brasileiras/os, preceituado no artigo 5º, inciso XV, da Carta Magna de 1988.

Direito que infelizmente é violado no Brasil por conta de políticas e práticas racistas e genocidas, as quais regulam socialmente os corpos mulheres e jovens negras e de negros, principalmente. Tentam deslegitimar as suas presenças, em seus espaços de vivências e em espaços voltados para públicos onde os brancos são maioria como em shoppings, casa de shows, bares, clubes, restaurantes e tantos outros estabelecimentos que funcionam nos chamados bairros nobres, das grandes capitais brasileiras:-

Os olhares racistas e incômodos causados pelas presenças das estudantes no espaço poderia se assemelhar ao que Kilomba (2019, p.33) denomina como uma “[...] reencenação da história colonial, isto é, quando o racismo cotidiano coloca as pessoas do presente no passado”. Se levarmos em conta o mundo do trabalho poderia sugerir que homens e mulheres negras deveriam continuar intrinsecamente ligados ao trabalho sofrido e cruel do passado. Entretanto, as estudantes transgrediram a suposta ordem natural da sociedade que, diuturnamente, “reencena o colonial”. Naquele contexto, o lugar ocupado pelas estudantes não correspondia ao nostálgico passado e, por isso, o “olhar de repúdio” como aludiu Luedji.

Teorizando sobre olhar, hooks (2019) aborda a privação do direito de olhar do escravizado no contexto de dominação escravocrata da sociedade norte americana, e afirma “[...] o quanto esse relacionamento traumático com o olhar influenciou a criação de filhos e a atitude das pessoas negras como espectadoras”. (hooks, 2019, p. 216)

.Das muitas privações às quais as populações negras diaspóricas foram submetidas

consideramos que a privação do direito de olhar foi uma tentativa de expropriá-las de qualquer resquício de domínio sobre os seus corpos, da maneira mais vil possível. Tal ação persecutória sobre os corpos de escravizadas/os se configurou como mais uma política de desumanização, além de uma estratégia de dominação dentro das relações de poder. A partir de Foucault, hooks (2019, p.216) destaca que “[...] o poder é um sistema de dominação que controla tudo e não deixa espaço para a liberdade, mas existe a possibilidade de resistência, se procura as margens, brechas e lugares no e através do corpo em que a agência pode ser encontrada”.

Os modos como o poder se reproduz e as fraturas existentes dentro das relações de poder oportunizaram a hooks (2019) compreender traumas causados às pessoas negras na criação dos filhos na condição de espectadoras, posto que, nas relações entre as pessoas negras, aprendia-se o perigo do olhar. Esse poderia ratificar hierarquias existentes entre adultos e crianças, entre negros e brancos, como também decretava a subserviência de quem é olhado, quem é impedido de olhar, bem como a autoridade/poder de quem olha.

No caso das estudantes no *shopping* em Maceió reeditam-se relações de poder desiguais, entre os que olham e os que são observados. Ou seja, quem deve ficar sob o jugo do olhar. Os que olhavam em demasia se sentiam autorizadas/os a interpelar aqueles corpos negros. A questão é: se fossem estudantes brancas elas ficariam reféns de olhares tão incisivos? Consideramos que mesmo em contextos e situações diferenciadas a lógica de devastar os corpos das estudantes pelo olhar é tributária da mesma lógica utilizada para privar o direito de olhar do escravizado. Lógicas que o desautorizava a vivenciar com inteireza a sua humanidade.

“Existe poder em olhar” (hooks 2019, p. 216). Certamente um poder exercido pelos transeuntes sem um mínimo de pudor sobre os corpos das estudantes em Maceió ao entrarem no *shopping*. Um poder que também ratificou hierarquias raciais e de gênero. Neste fato, considera-se que as estudantes se colocaram de forma digna e empoderada, pois, conforme assinalou Luedji Luna, as atitudes foram consequência de um pertencimento étnico-racial construído e, para nós, fortalecido na formação acadêmica, no trabalho do PET – Afirmação e os deslocamentos socioculturais das estudantes. Tais elementos subsidiaram, passo a passo, as estudantes no interior do *shopping*.

Conclusão

O corpo vai além do biológico, ele é social e político, eminentemente cultural e veicula informações sobre nossas diversas afiliações identitárias, quer sejam sexuais, quer sejam religiosas, estéticas, sociorraciais e muitas outras.

Por fim, as percepções, olhares e significados sociais dos/sobre os corpos negros e suas identidades construídas no texto a partir da fala da estudante remontam sempre ao passado vivenciado pelas populações negras, tais como violências, hipersexualização,

desumanização, estereotipização, enfim máculas que, infelizmente, fazem-se presentes e materializam as agruras de ter corpos negros na vida hodierna.

Referências

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro, Polén, 2019.

CARVALHO, José Jorge. Encontro de Saberes e descolonização para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOOGUEL, Ramón (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 79-106.

FANON, Franz. **Peles negras máscaras brancas**. Edufba: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro e a intelectualidade negra descolonizando o currículo. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOOGUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 223-246.

GROSGOOGUEL, Ramón. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In. SANTOS, Boaventura Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Edições Almedina, 2009. p. 419-442.

GONÇALVES, Maria Graça. Subjetividade e Negritude. **Cadernos Penesb**. Rio de Janeiro: Alternativa/EdUFF, n. 12, p. 369-383, 2010. – Ed. ALTERNATIVA/EdUFF.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.